

A INDISCIPLINA E OS INCIDENTES CRÍTICOS EM SALA DE AULA: POSTURA E SABERES NA FORMAÇÃO DOCENTE

José Augusto Rodrigues^{1*} (IC), **Everton Bedin¹** (PQ)(FM)
joseaugustorodrigues98@hotmail.com

1Universidade Luterana do Brasil, Ulbra, Avenida Farroupilha, 8001, Bairro: São José, Canoas-RS, CEP: 92425-900.

Palavras-chave: Incidentes críticos, Indisciplina, formação docente

Área temática: Formação de Professores.

Resumo: Considerando que a indisciplina existente em sala de aula é um dos fatores que mais causa incidentes críticos nas escolas, dificultando o desenvolvimento das práticas pedagógicas, este artigo tem por objetivo apresentar um relato de observação, dando-se ênfase aos incidentes críticos e a indisciplina que ocorreram durante o processo de ensino-aprendizagem em Química. Os dados foram coletados durante 16 horas/aula de observação em duas turmas de primeiro ano do Ensino Médio, registrados em um diário de bordo, analisados e interpretados à luz de teóricos e expressos em forma de gráficos e tabelas. Ao término do artigo, constatou-se de que nada adianta o professor assumir uma posição autoritária para impedir momentos de indisciplina, se esta atitude apenas mascara o problema, sendo fonte de outros incidentes que impedem um bom desempenho da aula; logo, o professor deve enfrentar os obstáculos e adequar-se para contornar os incidentes que retardam a sua prática pedagógica.

INTRODUÇÃO

A educação brasileira se encontra em constante desafio, principalmente, na questão de conviver com a indisciplina em sala de aula. Nas aulas de Química não é diferente, conversas excessivas, discussões entre alunos e professores, uso de celular em momentos inoportunos no decorrer das atividades, dentre outros aspectos, são fatores que contribuem para uma desordem significativa em sala, dificultando o processo de ensino-aprendizado.

Qualquer fator que interfere no andamento da aula e na construção de conhecimentos é denominado incidentes críticos; logo, o futuro professor, durante o percurso da formação inicial, deve observar, analisar e refletir sobre esses obstáculos que estão presentes em sala de aula, a fim de aprender a contorná-los, uma vez que a indisciplina existente, o desinteresse nas aulas e a falta de respeito pela figura de professor são os principais motivos do enfraquecimento da relação professor-aluno e, conseqüentemente, da qualificação do processo de ensino-aprendizagem.

Neste sentido, segundo Aquino (1998), citado por Moreira e Carvalho (2002), a indisciplina sinaliza que algo na sala de aula não está ocorrendo de acordo com as expectativas dos alunos e do professor. Corroborando, Moraes e Bedin (2017, p. 115) afirmam que a disciplina na escola emerge, muitas vezes, pelos alunos resistirem “à cultura escolar e à figura do professor, já que encontram nos professores os limites até então desconhecidos”.

Os incidentes críticos ocorrem com frequência durante as aulas; logo, para cada incidente o professor deve apresentar uma posição rápida para contornar o obstáculo e assumir o controle da aula, já que ele “é o responsável por instigar a

turma a pensar e refletir. Ele tem a responsabilidade de preparar o aluno para se tornar um cidadão ativo dentro da sociedade, apto a questionar, debater e romper paradigmas” (MORAES; BEDIN, 2017, p. 118).

Assim, há a necessidade de durante a formação docente inicial os futuros professores observarem e analisarem o comportamento dos alunos, construindo uma postura ética, desenvolvendo habilidades e constituindo competências para superar os incidentes críticos recorrentes em sala de aula, aprendendo a agir em diferentes momentos para impedir que os obstáculos que interferem o desenvolvimento da aula sejam fortes o suficiente para fazer com que esta não alcance seus objetivos.

Diante do exposto, o presente artigo consiste em apresentar um relato de observação constituído a partir da disciplina de Estágio Curricular Supervisionado I, dando-se ênfase à observação de aula de Química na primeira série do Ensino Médio. Basicamente, buscou-se observar os incidentes críticos e a indisciplina que ocorreram em duas turmas de primeiro ano, sendo analisado quais os tipos de incidente mais frequentes em sala de aula e a postura do professor frente a estes incidentes.

APORTES TEÓRICOS

Um dos grandes desafios enfrentados pelos professores de diferentes áreas do conhecimento nas escolas públicas e privadas são os obstáculos existentes, os quais contribuem para a desordem em sala de aula, dificultando o alcance dos objetivos da aula traçados pelo professor. Por exemplo, conversa excessiva, uso de celular e fone de ouvido, cochilo em sala de aula, dentre outros, são obstáculos que o futuro professor de Química irá enfrentar, sendo exigido deste uma resposta/posição rápida para contornar esse problema.

Contudo, a falta de um manual ensinando ou dando indícios de como o professor deve se apresentar diante de alguns incidentes em sala de aula, frisando uma postura mais dialógica e conservadora, ao mesmo tempo, para controlar a situação, é um dos problemas enfrentados pelos graduandos que estão iniciando a vida docente, pois, ao não conseguirem contornar um incidente, os professores acabam abusando de sua autoridade, ameaçando os alunos com reprovações e provas com um maior grau de dificuldade.

Neste sentido, Budziak (2014, s/p) afirma que “alguns educadores quando são sufocados transformam a sua autoridade em autoritarismo na sala de aula, o qual não resolve o problema, mas acaba mascarando temporariamente”. Todavia, ressalva-se que a existência de um manual para trabalhar com estes incidentes é inapropriado na Educação, pois os incidentes estão carregados de cultura, ações sociais e, muitas vezes, problemas familiares e individuais que são exclusivos de cada sujeito, o que tornaria inviável a homogeneização em um e-book, por exemplo, de como lidar com os incidentes críticos.

Assim, deve-se repensar a forma de agir em sala de aula, para contornar os obstáculos existentes, pois o professor não deve ser um ser autoritário que dita regras, mas um ser que proporciona um ambiente favorável para a construção do conhecimento. Afinal, de acordo com Freire (1996, p. 159-60)

Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e “cinzento” me ponha nas minhas relações com os alunos [...] A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. O que não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético do meu dever de professor no exercício de minha autoridade. Não posso condicionar a avaliação do trabalho escolar de um aluno ao menor bem querer que tenha por ele.

A indisciplina é um dos fatores que mais causam incidentes críticos em sala de aula, por exemplo, conversas barulhentas com assuntos irrelevantes para as atividades, uso inapropriado de tecnologias e discussão com o professor, são circunstâncias que interferem na construção do conhecimento e impedem que os objetivos das aulas sejam alcançados, pois a indisciplina indica “falta de disciplina, decorrente de desordem, desobediência ou rebelião” (MORAES; BEDIN, 2017, p. 116).

Ainda, Moraes e Bedin (2017, p. 130) refletem que “assumir o problema da indisciplina em sala de aula, seja por falta ou excesso de motivação e/ou interesse do aluno, é o primeiro passo para que o professor descubra meios significativos de melhorar seu ambiente de trabalho”. Para tanto, os autores ainda indicam para o professor “conhecer a realidade, a necessidade e os reais objetivos do aluno”, pois afirmam que “o professor tem condições pessoais e intelectuais de impulsionar as mudanças necessárias, mas é preciso, de antemão, que ele encontre em sua prática um motivo para prosseguir”.

Assim, o professor sendo posto em teste em determinadas situações acaba agindo impulsivamente para tentar controlar e chamar a atenção da turma, mas o que deve ser analisado neste viés é que o respeito é conquistado e não imposto. Afinal, de acordo com Budziak (2014, s/p), é preciso que “o professor tenha autenticidade e dinamismo frente às tomadas de decisões, procurando manter a autoridade sem demonstrar autoritarismo e o respeito seja algo conquistado e não imposto”.

Assim, deve-se repensar a forma de agir em sala de aula e constituir uma identidade docente ainda durante o processo de formação inicial; o professor deve conquistar a amizade e o respeito dos alunos, sem que a afetividade existente interfira no cumprimento das obrigações e a diferenciação dos papéis entre professor e aluno. Afinal, mesmo que os incidentes críticos estejam sempre presentes em sala de aula, pois são causados pelo professor e pelos alunos, a constituição do saber científico entrelaçado ao cotidiano do aluno deve existir como ação primordial na escola, já que este é um dos objetivos da existência de uma instituição de ensino.

DESENHO DA PESQUISA

O presente artigo parte da interpretação das observações realizadas em duas turmas de primeiro ano do Ensino Médio em uma escola pública localizada no município de São Leopoldo, região metropolitana de Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul. A escola atua nos três turnos, manhã, tarde e noite, tendo como público alvo apenas alunos para o Ensino Médio. O professor, que gentilmente aceitou a observação, é formado em Licenciatura em Química e Licenciatura em

Matemática, atuando na escola já há algum tempo, apenas com a disciplina de Química.

As observações foram realizadas durante 16 horas/aula, divididas em duas turmas do turno da tarde, sendo estas identificadas como turma A e B. A turma A é constituída por 23 alunos, tendo entre eles uma aluna de inclusão; a turma B é constituída por 35 alunos, sendo uma das turmas com maior número de alunos da escola; a faixa etária dos alunos de ambas as turmas varia dos 14 aos 18 anos. Os dados observados em sala de aula, os quais foram anotados em um diário de bordo, foram interpretados à luz de teóricos e expressos em forma de tabelas e gráficos. Para intensificar o artigo, buscou-se analisar os incidentes separando-os por turma; em respeito às partes envolvidas neste estudo, nenhuma destas será identificada

RESULTADO E DISCUSSÃO

Durante o início das observações, notou-se rapidamente a diferença entre o número de alunos nas turmas observadas; a turma A com 25 alunos e a turma B com 35 alunos, como supracitado. Neste ponto, já se pode perceber uma maior dificuldade na forma de o professor trabalhar em sala de aula com a turma B, exigindo, além de um comportamento diferenciado, o aumento no tom da voz e uma postura mais firme pelo número exacerbado de alunos.

Possuindo um maior número de alunos em sala de aula, a turma B se mostrou pouco participativa em relação ao desenvolvimento das atividades propostas pelo professor, as quais foram ministradas da mesma forma e com a mesma intensidade em ambas as turmas; a não participação dos alunos na turma B levou ao desenvolvimento de incidentes, tais como: indisciplina e desinteresse durante as falas do professor. Comparada com a turma B, a turma A se mostrou mais participativa em relação as atividades propostas, mesmo com indisciplina e conversas no momento das atividades.

Assim, para critério de comparação qualitativo entre as duas turmas, numerou-se de 1 a 5 o grau de ocorrências de indisciplina e incidentes críticos em sala de aula; lista-se na tabela abaixo a relação entre as notas e a frequência da emergência do incidente.

Tabela 1: Graus de ocorrência estabelecidos para critério de comparação.

GRAU	DESCRIÇÃO DA NOTA
1	Pouca frequência.
2	Ocorre em intervalos de 15 a 20 minutos.
3	Ocorre em intervalos de 10 a 15 minutos.
4	Ocorre em intervalos de 5 a 10 minutos.
5	Ocorre em intervalos menores do que 5 minutos.

Fonte: dados da pesquisa, 2018.

Durante a observação, notou-se fortemente a presença da indisciplina em sala de aula, levando a ocorrência de vários incidentes que tendem a retardar o andamento do processo de ensino-aprendizagem, impedindo que os objetivos docentes em relação ao conteúdo para aquele momento fossem alcançados. Por exemplo, alguns fatores que emergiram como fontes desestimulantes e

desqualificadores do processo de ensino-aprendizagem foram: conversa excessiva, uso de celular, desrespeito ao colega e o não cumprimento das atividades.

Para intensificar a compreensão em relação a existência destes incidentes em sala de aula, apresenta-se a seguir, em duas tabelas, os incidentes críticos com maior incidência dentro de cada turma observada (turma A e turma B), pontuando-os com os intervalos assinalados pelos graus presentes na tabela 1.

Tabela 2: Incidentes mais emergentes na turma A.

GRAU	INCIDENTES CRÍTICOS
4	Uso de celular e fone de ouvido.
3	Conversas excessivas.
2	Explicação do Professor prejudicada/rompida por intercessão sem nexos do aluno.
2	Necessidade de o professor chamar atenção dos alunos.
4	Conversas em grupos.
1	Incidentes críticos causados pelo professor.
4	Alunos desenvolvendo outra atividade que não condiz com a aula proposta.

Fonte: dados da pesquisa, 2018.

Durante a observação, a turma A, em sua grande maioria, demonstrou interesse para desenvolver as atividades propostas pelo professor, mas alguns alunos acabavam realizando tarefas que não condiziam com a aula proposta, por exemplo, desenhando durante o tempo disponibilizado para a prática de exercícios, sendo necessário, algumas vezes, “apresa-los” para que as atividades fossem desenvolvidas no período proposto. De outra forma, enquanto o professor disponibilizou o tempo para a realização dos exercícios do componente curricular de Química, os alunos ficaram fazendo outras atividades que não estavam relacionadas à aula, e quando o professor resolveu corrigir os exercícios não conseguiu, pois precisou dar um tempo extra a estes alunos para que pudessem terminar os exercícios.

Conforme a tabela 2, pode-se perceber que dois dos grandes desafios encontrados para o professor perante a turma foram as atividades realizadas em grupos e o uso do celular com o fone de ouvido, onde as conversas acabam desfocando a atenção e, até mesmo, atrapalhando a explicação do professor em alguns momentos, necessitando que o mesmo tomasse alguma atitude em relação às conversas para que sua aula fosse desenvolvida. Todavia, o docente ignorou o uso do celular e, apenas, solicitou com ênfase o silêncio da turma, a fim de conseguir terminar sua explicação.

As atitudes do professor frente aos momentos de indisciplina em sala de aula se mostraram eficientes no controle da turma, sendo utilizado o diálogo para que os alunos passassem a realizar as tarefas propostas. Algumas vezes, durante os momentos de muito agito na turma, o professor “ameaçava” realizar atividades avaliativas na aula seguinte sobre o conteúdo estudado; esta ação, exercida pelo professor, fazia com que os alunos voltassem a ter foco na aula.

Nesta perspectiva, ressalva-se que o momento em que o professor utiliza a avaliação como uma ameaça para ter o controle sobre a turma já se torna um incidente crítico causado pelo próprio docente, sendo um ponto que se deve ser

evitado em sala de aula, pois a avaliação não pode ser vista como uma ferramenta classificatória ou de ameaça ao aluno, mas um instrumento para que o professor possa avaliar a própria prática. Nesta esfera, Moraes e Bedin (2017, p. 124) contemplam que a avaliação “serve para o professor averiguar se seus objetivos foram ou não alcançados pelos alunos e, a partir disto, ressignificar os saberes por meio da retomada do conhecimento”.

Em relação a turma B, plotou-se, a partir da análise dos incidentes descritos no diário de bordo, a tabela 3.

Quadro 3: Incidentes mais emergentes na turma B.

GRAU	INCIDENTES CRÍTICOS
4	Explicação do Professor prejudicada/rompida por intercessão sem nexos do aluno.
5	Uso de celular em sala de aula.
2	Indisciplina e desrespeito à figura do professor.
3	Alunos desenvolvendo outras atividades que não condizem com a aula.
5	Conversas em grupos.
5	Necessidade de o professor chamar a atenção da turma.
3	Incidentes críticos causados pelo professor.

Fonte: dados da pesquisa, 2018.

Contrária à turma A, a turma B se mostrou pouco participativa durante o desenvolvimento das atividades, necessitando que o professor fosse mais rígido para que sua aula fosse produtiva, como pode ser claramente observado na tabela 3 acima pelo intervalo de tempo com que o incidente “*Necessidade de o professor chamar a atenção da turma*” emergia, ocorrendo em uma frequência menor do que 5 minutos. A conversa excessiva durante o decorrer das atividades foi o principal ponto que prejudicou o desenvolvimento das atividades, sendo necessário que o professor chamasse a atenção dos alunos diversas vezes durante as aulas.

A falta de respeito vindo de alguns alunos em relação ao professor foi outro motivo preocupante dentro da sala de aula. Uma atitude rápida do docente foi precisa para contornar o obstáculo; o professor, mais uma vez, utilizou a ameaça como recurso, mas, desta vez, a ameaça foi direcionada a ação de levar o aluno à direção da escola e, conseqüentemente, a suspensão; fato que ocorreu diferentes vezes entre 15 a 20 minutos.

O fato de o professor utilizar a ameaça, novamente, se tornou um incidente crítico em sala de aula, mas o que realmente preocupava era a indisciplina que a turma apresentava e, principalmente, o fato de o professor “ficar” apenas na ameaça e não tomar uma atitude mais rígida. A figura do professor é a autoridade máxima dentro de sala de aula, mas isso não significa que o mesmo deve ser autoritário, mas que tem conhecimentos e saberes para dialogar e resolver de forma calma os obstáculos que surgem durante as aulas, onde o uso da “ameaça de expulsão” é apenas um fator que mascara o incidente ocorrido, mas não o resolve, apenas o prolonga.

Outros incidentes causados pelo professor, que também promoveu a conversa paralela em sala de aula e, até mesmo, a desvinculação da figura do ser docente para o aluno, foram analisados. Ou seja, o uso de dinâmicas sem nexos com

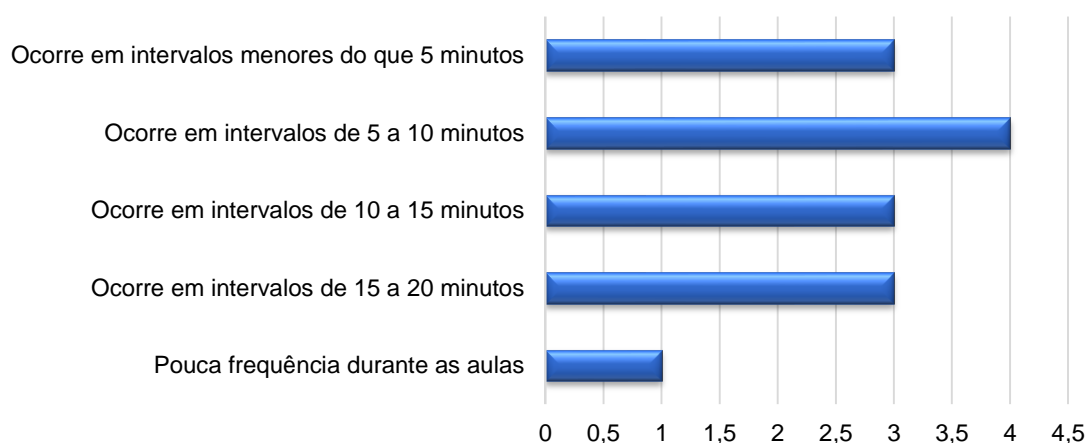
o conteúdo estudado, o uso do celular, algumas conversas com os alunos sem relação com as atividades, dentre outras ações, foram alguns incidentes críticos causados pelo professor que desvincularam todo o processo de ensino-aprendizagem.

Ao término, comparando ambas as turmas, pode-se observar que a conversa e o uso do celular em sala de aula foram os maiores motivos para o desinteresse e o não cumprimento das atividades propostas pelo professor; além disso, pode-se notar que a indisciplina favoreceu o surgimento e o crescimento de incidentes que retardavam o aprendizado.

Assim, tem-se que alunos desenhando ou brincando dentro da sala de aula são motivos para que o professor repense sua forma de agir em sala, buscando atrair a atenção dos mesmos e prende-la no decorrer das atividades, pois em momentos em que os alunos participavam juntamente com o professor na realização das atividades, pode-se perceber menos emergência de incidentes. Neste viés, questiona-se: Por que não utilizar um desenho ou uma brincadeira para aprender Química? Por que não utilizar aquilo que o aluno tem para dar para que o mesmo possa aprender Química? Por que não partir do interesse do aluno para desenvolver os conteúdos curriculares?

Estas perguntas são importantes para entender o gráfico 1 abaixo, pois nele pode-se perceber um apanhado geral de todos os incidentes que ocorreram nas duas turmas observadas e, para além dito, analisar o tempo de repetição destes, o que torna ainda mais angustiante a prática de observação para o futuro professor. Afinal, questiona-se, em um viés mais crítico: Quais as motivações que levam um professor de Química, dentro de um contexto de incidentes diários em sala de aula, a permanecer na profissão?

Gráfico 1: Ocorrência de tempo de repetição de incidentes.



Fonte: dados da pesquisa, 2018.

Por fim, ainda se destaca que se observou que chamar a atenção com calma e de forma generalizada, sem identificar o aluno, surtia mais efeito na turma A do que na turma B, pois contendo um menor número de alunos, a turma A se tornava mais receptiva as falas de repreensão do professor. Assim, afirma-se que independente de o professor saber os desafios que o esperam dentro da sala de aula, este deve ficar ciente de que cada turma é uma turma, com diferentes alunos e

diferentes ações, pois ocorrerão situações diferentes que demandam determinadas atitudes do professor para driblar os obstáculos que impedem o processo de ensino-aprendizado.

Sendo assim, é cogente não existir um manual que ensine e guie o professor a agir em momentos de indisciplina e contornar os incidentes críticos que existem dentro da sala de aula, sendo necessária formação, experiência e profissionalização para saber lidar, contornar e resolver os problemas que podem emergir dentro da sala de aula em momentos indiferentes e, às vezes ou quase sempre, inoportunos.

CONCLUSÃO

A inexistência de um manual que auxilia o futuro professor a se comportar frente a momentos de indisciplina dentro da sala de aula, visando contornar os incidentes críticos que retardam o aprendizado da turma, vem pelo fato de que cada turma é uma turma constituída por alunos de diferentes condições culturais e socioeconômicas de distintas realidades, como se pode constatar no corpo deste artigo.

Além disso, pode-se perceber que as técnicas e metodologias utilizadas pelo professor em uma turma não surtiram o mesmo efeito na outra, sendo necessário um planejamento fidedigno para cada turma, a fim de contornar os obstáculos que possam surgir pela falta de interesse e motivação dos alunos. Neste desenho, para o futuro professor, observador das aulas, fica evidente a necessidade de posicionamento rígido e, ao mesmo tempo, flexível para contornar os desafios e a indisciplina que a sala de aula apresenta; logo, há a necessidade de desenvolver competências e habilidades, por meio da constituição da identidade docente e do amadurecimento da postura pedagógica, para tornar-se professor.

Por fim, ressalva-se que de nada adianta o professor assumir uma posição autoritária para impedir momentos de indisciplina, se estas atitudes apenas mascaram o problema, sendo fonte de outros incidentes que impedem um bom desenvolvimento da aula; o professor deve enfrentar os obstáculos em sua frente, adequar-se para contornar os incidentes que retardam o processo de ensino-aprendizagem; adaptar suas metodologias para atividades que levem a participação do aluno e buscar usufruir da tecnologia que os educandos possuem acesso, a fim de que suas atividades sejam desenvolvidas à luz de cativar o aluno a querer aprender.

REFERÊNCIAS

- BUDZIAK, A. B. Indisciplina em sala de Aula. 2014. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Especialização em Coordenação Pedagógica) – Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, 2014.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- MORAES, C. S. BEDIN, E. Indisciplina e falta de autonomia em sala de aula: fatores que influenciam nos processos de ensino-aprendizagem. **Pedagog. Foco**, Iturama (MG), v. 12, n. 8, p. 114- 133, jul./dez. 2017. Disponível em:

Os saberes docentes
na contemporaneidade:
perspectivas e desafios
na/pela profissão

18 e 19 de outubro de 2018, Canoas/RS

38° EDEQ

Encontro de Debates sobre o Ensino de Química

<<http://revista.facfama.edu.br/index.php/PedF/article/view/314>>. Acesso em: 20 mai. 2018.

MOREIRA, S. M. A.; CARVALHO, A. M. P. Classificação dos Incidentes Críticos Observados Pelos Estagiários em Seus Estágios. In: **ENCONTRO DE PESQUISA EM ENSINO DE FÍSICA**, 2002: São Paulo. P. 1-10. Disponível em http://www.cienciamao.usp.br/tudo/exibir.php?midia=epef&cod=_classificacaodosincident. Acesso em: 15 mai. 2018.